dispositiva
Revista Interinstitucional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e da UFMG
PUC Minas
UFMG

INTRODUÇÃO. UM RETORNO À NOSTALGIA[1]

INTRODUCTION: RETOUR VERS LA NOSTALGIE

André Habib [2]

Resumo
Este texto introdutório foi inspirado pelas conversas frutíferas que tive com os dois codiretores desta edição da Intermédialités, Suzanne Paquet e Carl Therrien. Eles também codirigiram comigo o projeto "Le temps du rétro: fotografia, cinema, videogame» (2018–2022), com a inestimável contribuição dos assistentes Alice Michaud-Lapointe, Philippe Depairon e Samy Benammar. Este texto também pôde ser desenvolvido no âmbito do seminário «PLU6060 — Campo dos estudos intermediais» e graças à contribuição dos alunos e alunas aos quais saúdo. Gostaria de agradecer ao CRSH pelo financiamento deste projeto. Quero dirigir um agradecimento especial a James Cisneros e Gabrielle Pannetier Leboeuf por sua acolhida e apoio na realização desta edição.

Résumé
Ce texte d'introduction a été nourri par les fructueuses conversations que j'ai pu avoir avec les deux co-directeurs de ce numéro d'Intermédialités, Suzanne Paquet et Carl Therrien. Ces derniers ont aussi co-dirigé avec moi le projet « Le temps du rétro : photographie, cinéma, jeu vidéo » (2018–2022) avec l'apport inestimable des auxiliaires Alice Michaud-Lapointe, Philippe Depairon et Samy Benammar. Ce texte a aussi pu se développer dans le cadre du séminaire « PLU6060 — Champ des études intermédiales » et grâce à l'apport des étudiants et des étudiantes que je salue. Je tiens à remercier le CRSH pour le financement de ce projet. Je veux adresser un merci particulier à James Cisneros et Gabrielle Pannetier Leboeuf pour leur accueil et leur soutien dans la réalisation de ce numéro.

1 Texto originalmente publicado em francés como: HABIB, André. Introduction. Retour vers la nostalgie. Intermédialités / Intermediality: Histoire et théorie des arts, des lettres et des techniques, n. 39, printemps 2022. Disponível em: https://www.erudit.org/en/journals/im/2022-n39-im07461/1093767ar/. Acesso em: 31 maio 2026. Tradução Priscila Machado Barreto Santos.

2 Professeur titulaire, Université de Montréal, andre.habib@umontreal.ca.

// REVISTA DISPOSITIVA, BELO HORIZONTE, V. 15, JAN-DEZ (2026), PUBLICAÇÃO CONTÍNUA, P. 1 - 13 //
// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e39425

Introdução

> Em grego, a palavra significa "as feridas do retorno". A nostalgia não é uma emoção que se cultiva; ela se mantém viva. Quando Ulisses volta para casa, a nostalgia é o nó que ele sente na garganta, não os prazeres trêmulos que ele sente por estar de volta ao lar.[3]

Fazer uma breve retrospectiva da história e da fascinante trajetória intelectual dessa palavra, "nostalgia", originária da nosografia médica do século XVII, talvez não seja uma maneira ruim de introduzir este número que a revista *Intermédialités* lhe dedica, bem como esta coleção de textos que, de forma singular e heterogênea, propõem algumas de suas variações.[4] Seria também uma forma de começar a repensá-la, de ver do que se trata, de nos perguntarmos que variedades de retornos, muitas vezes contraditórios, ela mobiliza e suscita. Se é certo que a nostalgia nunca esteve tão em voga, que tem sido objeto de um interesse crítico, acadêmico e público constante há vários anos, isso também se deve — vamos supor — ao fato de que ela assume diferentes formas, presta-se a diferentes interpretações, a ponto de se tornar, dependendo do ângulo e do contexto em que se manifesta ou se vivencia, irreconhecível, ora doença, ora sintoma, ora remédio. É certamente essa pluralidade de formas, identidades e definições que faz da nostalgia um bom tema para uma revista como esta, já que ela pode aproveitar a indecidibilidade que a habita para testar sua elasticidade e seu caráter polimórfico. É assim, no brilho das abordagens e dos olhares, que se abrem novas possibilidades para o pensamento (e é isso que a intermedialidade em geral permite). Portanto, comecemos por voltar.

Vale lembrar que, após a criação desse neologismo greco-latino por um jovem estudante de medicina de Basileia, em 1688, e sua ascensão fulgurante nos campos médico, filosófico e, posteriormente, estético até o final do século XIX[5], a nostalgia parece perder o brilho ao longo do século XX (e, em particular, no período pós-guerra, ainda carregado de otimismo), adquirindo conotações negativas, sobretudo entre muitos intelectuais alertados pelos perigos dos revisionismos e das reciclagens culturais sem complexos, tornando-se até mesmo uma espécie de afeto pária, repulsivo (preferindo-se de bom grado uma "melancolia de esquerda"[6]) nas décadas de 1970 e 1980: politicamente rançosa, culturalmente vil, ideologicamente suspeita. As críticas mais ferrenhas à nostalgia[7] se fazem ouvir justamente no momento em que, como um dos traços

3 Hollis Frampton, citado por Bruce Jenkins e Susan Krane, Hollis Frampton: Recollections and Recreations, Cambridge, MIT Press, 1984, p. 56.

4 Este texto introdutório foi inspirado pelas conversas frutíferas que tive com os dois codiretores desta edição da Intermédialités, Suzanne Paquet e Carl Therrien. Eles também codirigiram comigo o projeto "Le temps du rétro: fotografia, cinema, videogame » (2018–2022), com a inestimável contribuição dos assistentes Alice Michaud-Lapointe, Philippe Depairon e Samy Benammar. Este texto também pôde ser desenvolvido no âmbito do seminário «PLU6060 — Campo dos estudos intermediais» e graças à contribuição dos alunos e alunas aos quais saúdo. Gostaria de agradecer ao CRSH pelo financiamento deste projeto. Quero dirigir um agradecimento especial a James Cisneros e Gabrielle Pannetier Leboeuf por sua acolhida e apoio na realização desta edição.

5 Para uma história da nostalgia, podem ser consultadas as duas obras ainda insuperadas sobre o tema: André Bolzinger, Histoire de la nostalgie, Paris, Campagne Première, col. « Recherche », 2007, assim como Jean Starobinski, L'encre de la mélancolie, Paris, Éditions du Seuil, col. « Essais/Points », 2012.

6 A expressão aparece em Walter Benjamin (« Mélancolie de gauche. À propos du récent recueil de poésie d'Erich Kästner (1931) », Variations, n.º 23, setembro de 2020, Open Edition Journals, consulta em 17 de outubro de 2022) e está no centro da bela obra de Enzo Traverso, Mélancolie de gauche. La force d'une tradition cachée (XIXe-XXIe siècle), Paris, La Découverte, 2016.

7 Destacam-se, em especial, Fredric Jameson, Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism, Durham, Duke University Press, 1991, e Jean Baudrillard, « L'histoire : un scénario rétro », em Simulacres et simulation, Paris, Galilée, 1981, p. 69–76.

marcantes da condição pós-moderna, ela permeia as produções culturais americanas e europeias, seja no cinema (de American Graffiti, de George Lucas,1973, até Cinema Paradiso, de Giuseppe Tornatore, 1988), à música (a prática do sampling, do pastiche[8]), à moda (o retrô[9]), à arquitetura[10]. Mas é também nessa época que se assiste a uma primeira abordagem da nostalgia como objeto de reflexão, fora do âmbito da medicina e da psicologia, na sociologia[11] ou na filosofia[12], antes de se tornar um tema de reflexão específico da pensamento pós-moderno[13] e de ser adotada em outros campos das ciências humanas e sociais para dar conta do caráter "nostálgico" de seus objetos e de seus campos de especialização (na história da arte, no design, na música, etc.). O clima intelectual e os eventos políticos que se seguiram ao colapso do bloco soviético (não se falava então do fim da história?), uma reconfiguração dos regimes de sensibilidade e das estruturas dos sentimentos, mas também uma profunda transformação dos marcos da memória e midiáticos (especialmente desde o advento do digital), parecem ter gerado, desde então, uma proliferação de manifestações nostálgicas que se repercutiram, a longo prazo, na pesquisa acadêmica. Esta última, em parte, teve a tarefa de reabilitá-la como objeto digno de interesse, mostrando suas múltiplas dimensões[14] .

Ao debruçarmo-nos sobre a literatura dos últimos vinte anos sobre o assunto, fica claro que não é mais possível falar de nostalgia de forma monolítica. Seria necessário, como observaram Katharina Niemeyer, Emmanuelle Fantin e Sébastien Févry, falar de uma pluralidade de *dispositivos nostálgicos*[15], que se manifestam de acordo com os contextos geográficos, culturais, ideológicos e disciplinares em que surgem. O ecletismo dos textos reunidos nesta edição atesta claramente essa variedade de configurações. Como prova disso, a nostalgia neste número é analisada por meio de uma pluralidade de manifestações midiáticas (escultura, série de TV, videogame, performance teatral, fotografia, cinema experimental, etc.), e à luz dos nós de relações que garantem sua inteligibilidade e o transporte afetivo. Desse ponto de vista, o que a intermedialidade nos permite é, justamente, pensar a nostalgia através de várias épocas, na interseção de várias mídias, a fim de desvendar seus lugares-comuns, suas sobrevivências culturais, suas montagens temporais e suas remodelações memoriais. Neste número, a nostalgia surge como um processo de luto, questiona o papel da casa e do retorno à terra natal, entra em diálogo com a melancolia, permite refletir sobre nossa relação afetiva com as materialidades da técnica, com as sedimentações culturais (inclusive na cultura popular), com a poluição do território e sua remediação teatral e performática,

8 Simon Reynolds, Retromania : Pop Culture's Addiction to Its Own Past, Londres, Faber & Faber, 2011.
9 Elisabeth Guffey, Retro : The Culture of Revival, Londres, Reaktion, 2006.
10 Catherine Cooke, Nostalgia of Culture : Contemporary Soviet Visionary Architecture, Michigan, Architectural Association, 1988 ; Eva Hagberg, Dark Nostalgia, New York, The Monacelli Press, 2009.
11 Fred Davis, Yearning for Yesterday. A Sociology of Nostalgia, New York, The Free Press, London, Collier MacMillan Publishers, 1979.
12 Vladimir Jankélevitch, L'irréversible et la nostalgie, Paris, Flammarion, coll. « Champs », 1974.
13 11. Guy Scarpetta, L'impureté, Paris, Grasset, coll. « Figures », 1985 ; Susan Steward, On Longing. Narratives of the Miniature, the Gigantic, the Souvenir, the Collection, Durham, Duke University Press, 1993.
14 Destaca-se, entre muitos outros, a publicação da obra decisiva — inclusive para a fortuna intelectual do termo — de Svetlana Boym, The Future of Nostalgia, Nova York, Basic Books, 2001.
15 « Não existe uma modalidade única de constituição de um dispositivo nostálgico, mas uma variedade de agenciamentos possíveis; essa multiplicidade garante, ao final, a expressão de uma criatividade sempre renovada » (Katharina Niemeyer, Emmanuelle Fantin e Sébastien Févry (orgs.), Nostalgies contemporaines. Médias, cultures et technologies, Villeneuve d'Ascq, Presses universitaires du Septentrion, col. « Information-communication », 2021, p. 15).

// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e39425

com as recursividades temporais inscritas em um meio que retorna sobre si mesmo, etc. Ao fazer isso, reverter (a nostalgia) não consiste apenas em explorar os diversos retornos (ao passado, ao lugar de origem, à própria história, a um futuro anterior) que a nostalgia pode implicar, mas também as diferentes maneiras pelas quais é possível revertê-la para mostrar seu reverso, a costura, a trama, a franja, percorrendo a fronteira, muitas vezes porosa, que ela compartilha com outros afetos (a melancolia, a tristeza, o arrependimento).

A nostalgia é hoje objeto de interesse nas ciências políticas[16], nos estudos literários[17], na antropologia[18], no cinema[19], na psicologia[20], nos videogames[21], nos estudos televisivos[22], etc. E embora, evidentemente, ainda existam (ou até mesmo cada vez mais) manifestações essencialmente conservadoras e reacionárias da nostalgia (o que Svetlana Boym chama de nostalgia "restauradora", que descreve bastante bem a ideologia de um Donald Trump, de um Vladimir Putin, mas também do Daesh e de todas as extremas direitas radicais, todos nostálgicos de uma era de ouro amplamente fantasiada, aquela que vai de Augusto Pinochet a Benito Mussolini), é preciso acreditar que a época nos oferece também manifestações "críticas" e "reflexivas" da nostalgia, mas também apropriações lúdicas e subversivas (o que Peter Fritzsche chama de "nostalgia sem melancolia"[23]), assumindo a cada vez formas estéticas e sociais extremamente variadas. A nostalgia já não mata soldados suíços; ela se tornou o selo de uma lucrativa indústria cultural; é a essência que alimenta a chama dos discursos políticos populistas; está também ligada a formas, coletivas e individuais, de memórias sensíveis, que salvam o passado das armadilhas da amnésia contemporânea e resistem ao aceleracionismo destrutivo do neocapitalismo. Ela pode traduzir a dor dos migrantes ou dos refugiados climáticos, arrancados de seus lares, descrever o sentimento de perda e ansiedade ligado à crise ambiental e à sexta extinção em massa (um sentimento frequentemente descrito pelo termo *solastalgia*[24]). Como se vê, a nostalgia decorre de experiências plurais.

16 Edoardo Campanella et Marta Dassù, Anglo Nostalgia : The Politics of Emotion in a Fractured West, Oxford, Oxford University Press, 2019 ; Hakan Yavuz, Nostalgia for the Empire : the Politics of Neo-Ottomanism, Oxford, Oxford University Press, 2020 ; Christina M. Ceisel, Globalized Nostalgia. Tourism, Heritage, and the Politics of Place, New York, Londres, Routledge Press, 2018.

17 Entre outros, Barbara Cassin, *La nostalgie. Quand est-on chez soi ?* Ulysse, Enée, Arendt, Paris, Éditions Autrement, col. « Les Grands Mots », 2013; Patrizia Gasparini e Estelle Zunino (orgs.), *Nostalgie, conceptualisation d'une émotion,* Nancy, Presses universitaires de Nancy, Éditions universitaires de Lorraine, 2021; e Tammy Clewell, Modernism and Nostalgia: Bodies, Locations, Aesthetics, Londres, Palgrave-Macmillan, 2013.

18 Olivia Angé e David Berliner (orgs.), *Anthropology and Nostalgia*, Nova York, Berghahn Books, 2015; Olivia Angé e David Berliner (orgs.), « Nostalgie », *Terrain*, setembro de 2015, n.º 65.

19 Pam Cook, Screening the Past. Memory and Nostalgia in Cinema, London, New York, Routledge, 2005 ; Gilad Padva, Queer Nostalgia in Cinema and Pop Culture, Houndmill (UK), Palgrave MacMillan, 2014 ; Jason Sperb, Flickers of Film : Nostalgia in the Time of Digital Cinema, New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 2016.

20 Destaca-se, em especial, este estudo desenvolvido na University of Southampton: Constantine Sedikides, Tim Wildschut, Clay Routledge et al., « To Nostalgize: Mixing Memory with Affect and Desire », Advances in Experimental Social Psychology, vol. 51, 2015, p. 189–273.

21 Ryan Lizardi, « Downloading and Playing an Explicit and Implicit Past », Mediated Nostalgia. Individual Memory and Contemporary Mass Media, Washington, Lexington Books, 2015, p. 83–113 ; Zach Whalen et Laurie N. Taylor (dir.), Playing the Past. History and Nostalgia in Video Games, Nashville, Tennessee, Vanderbilt University Press, 2008 ; Can Askoy, Vincent E. Rone et Sarah Pozderac-Chenevey (dir.), Nostalgia and Videogame Music : A Primer of Case Studies, Theories and Analyses for the Player-Academic, Bristol, Royaume-Uni, Intellect Ltd, 2022.

22 Kathryn Pallister (dir.), Netflix Nostalgia : Streaming the Past on Demand, Lanham, Boul- der, New York, Londres, Lexington Books, 2019.

23 Peter Fritzsche, « Specters of History : On Nostalgia, Exile, and Modernity », The American Historical Review, vol. 106, n° 5, dezembro de 2001, p. 1618.

24 Glenn Albrecht, Gina-Maree Sartore, Linda Connor et al., « Solastalgia : the distress caused by environmental change », Australas Psychiatry, vol. 15, suppl. 1, 2007. On lira aussi Renee Lertzman, Environmental Melancholia. Psychoanalytic dimensions of engagement, New York, Routledge Press, 2016.

O revivalismo (que nem sempre foi associado ao epíteto "nostálgico"), esse desejo de reencontrar num presente (pouco satisfatório) algo de um passado mais ou menos idealizado, é, evidentemente, tão antigo quanto o mundo. Sem dúvida, o que distingue a nostalgia, tal como se apresenta há algum tempo, dos neo- e outros "retornos a" épocas mais remotas, é que ela não é mais analisada simplesmente como um estado emocional (antigamente mortífero), mas cada vez mais como uma prática, uma experiência, um fazer, sempre já mediatizado[25]. Essa mediação está, por sua vez, imersa em uma teia de diferentes mídias, entrelaçadas, que garantem sua transmissão afetiva, tanto individual quanto coletiva. *Nostalgizar* (como sugere esse belo neologismo que busca se impor[26]) tornou-se uma atividade sensível (memorial, tátil e afetiva ao mesmo tempo) que praticamos, hoje, na maioria das vezes, diante de um filme, de uma foto Polaroid, de um arquivo, ao contato com um disco de vinil, ao reencontrar um velho caderno rabiscado ou uma melodia. *Nostalgizar* é experimentar a sensação agridoce de um contato com o passado (o nosso, enterrado em nossa memória, mas também aquele que não conhecemos), de forma voluntária ou involuntária, de *voltar* a ele, de deixar que ele nos *volte* a envolver. Mas pensar a nostalgia, hoje, é também estar atento a tudo o que ela foi, ao que ela sedimenta em si de história, de sentido, de materialidades expressivas e culturais, e isso desde sua criação, sob a pena de um jovem suíço.

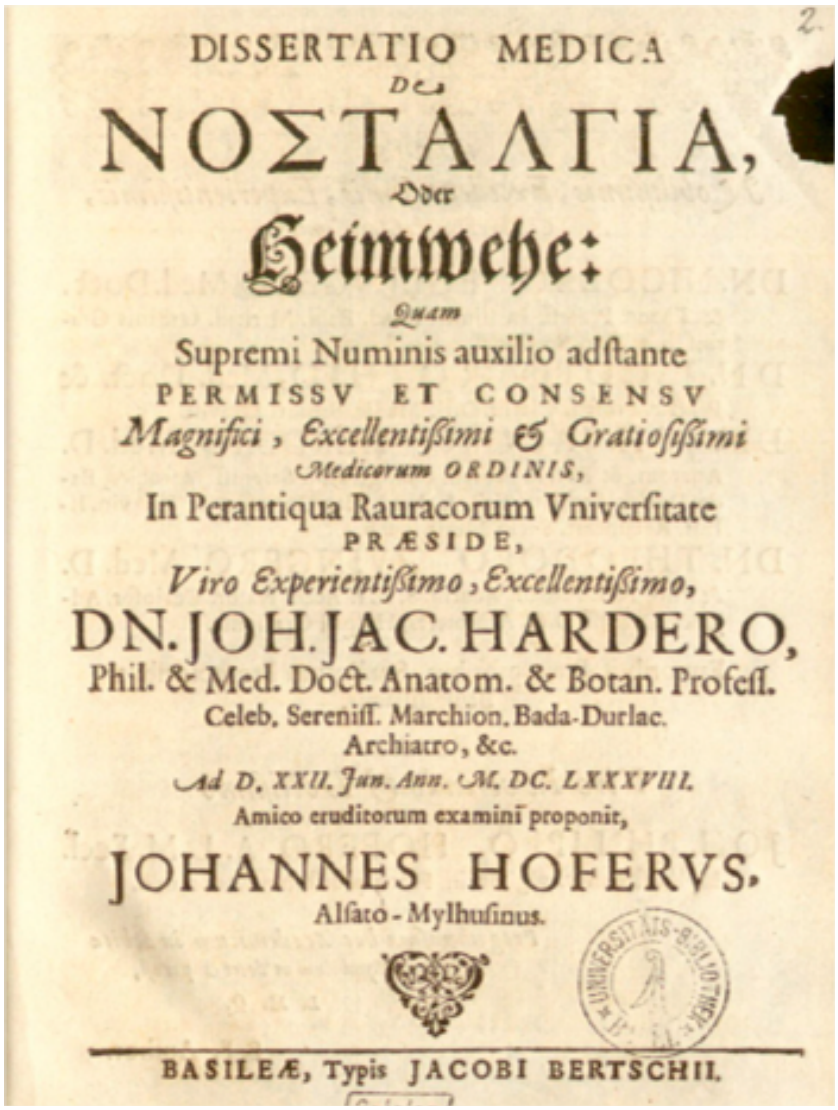
Nome da doença: o nome

Embora essa história tenha se tornado conhecida por ter sido repetida[27] tantas vezes, talvez valha a pena revisitá-la (e ver como ela pode ser abordada sob uma nova perspectiva, inclusive no âmbito de uma reflexão intermedial). Como se sabe, para Johannes Hofer, o estudante de medicina suíço que dedicou a isso sua tese preliminar (ver a figura 1) e cunhou o termo em 1688, nostalgia (formado pelas palavras gregas nostos, « retorno », e *algos*, « dor ») procurava traduzir na linguagem acadêmica e, ao fazê-lo, introduzir no repertório das doenças do corpo e da alma (que naqueles anos crescia vertiginosamente), o que a língua vernácula *já* designava pelas palavras ou expressões *heimwehe*, *mal du pays*, *homesickness*. Embora esse sentimento seja comum e certamente antigo, sua classificação como doença, propriamente dita, é moderna. Para o vitalista Hofer, essa doença da imaginação resulta de uma fixação dos "espíritos animais" (*spiritibus animalibus*[28]) no desejo de um retorno à pátria (em algum lugar do lobo frontal do cérebro encontra-se a sede da pátria[29]). Esse "delírio melancólico" (*delirii melancholicii*[30]) provoca no sujeito, segundo a bela expressão de Bolzinger, uma estase,

25 Devo reconhecer uma dívida importante para com as reflexões de Katharina Niemeyer que, junto de outros pesquisadores, me introduziram a essa concepção dinâmica da nostalgia, entre outros trabalhos em Katharina Niemeyer, « Introduction: Media and Nostalgia », em *Media and Nostalgia. Yearning for the Past, Present and Future, Houndmill* (Reino Unido), Palgrave, col. « Macmillan Memory Studies », 2014, p. 1–23.
26 Ver Constantine Sedikides, Tim Wildschut, Clay Routledge et al., 2015; Katharina Niemeyer, « Du mal du pays aux nostalgies numériques. Réflexions sur les liens entre nostalgie, nouvelles technologies et médias », Recherches en communications, vol. 46, 2018, p. 5–20, UCLouvain – Recherches en communication (consulta em 17 de outubro de 2022).
27 Para uma síntese recente e notável: Katharina Niemeyer, 2018; Fred Davis, 1979; André Bolzinger, 2007.
28 Hofer, 1688, para. III.
29 Johannes Hofer, *Dissertatio Medica de Nostalgia oder Heimwehe*, Basileia, Jacobs Bertschius, 1688. Para uma tradução inglesa do texto latino: Johannes Hofer, *Medical Dissertation on Nostalgia by Johannes Hofer*, 1688, trad. Carolyn Kiser Anspach, *Bulletin of the Institute of the History of Medicine,* vol. 2, janeiro de 1943, p. 376–391.
30 Ibid.

um "congelamento da imagem"[31]. Se o nostálgico não tiver permissão para voltar para casa (nem que seja apenas com a promessa de que isso acontecerá), ele se deixará definhar e morrerá de uma espécie de congestão do corpo e da mente, mas poderá se curar se tiver permissão para voltar para casa (segundo as palavras atribuídas a Hofer). A nostalgia encerra em si a dor do afastamento e o horizonte do retorno (mesmo que apenas na forma de uma promessa), como único sinal possível de recuperação.

Figura 1. Folha de rosto da tese de Johannes Hofer, *Dissertatio medica de nostalgia, oder Heimwehe*


DISSERTATIO MEDICA
De
NOΣTAΛΓIA,
Oder
Heimwehe:
Quam
Supremi Numinis auxilio adſtante
PERMISSV ET CONSENSV
Magnifici, Excellentiſſimi & Gratioſiſſimi
Medicorum ORDINIS,
In Perantiqua Rauracorum Vniverſitate
PRÆSIDE,
Viro Experientiſſimo, Excellentiſſimo,
DN. JOH. JAC. HARDERO,
Phil. & Med. Doct. Anatom. & Botan. Profeſſ.
Celeb. Sereniſſ. Marchion. Bada-Durlac.
Archiatro, &c.
Ad D. XXII. Jun. Ann. M. DC. LXXXVIII.
Amico eruditorum examini proponit,
JOHANNES HOFERVS.
Alſato-Mylhuſinus.
BASILEÆ, Typis JACOBI BERTSCHII.

Fonte: Basileia, Jacob Bertschius, 1688. Biblioteca Universitária de Basileia, Diss 45:2.

O título da tese é revelador: *DISSERTATIO MEDICA DE NOΣTAΛΓIA* oder Heimwehe. A disparidade tipográfica (sobre a qual Bolzinger insiste em sua história[32]), embora fosse comum na época, testemunha, na materialidade do livro impresso, desde o início, a hibridade linguística e a inscrição linguística da nostalgia, como tão bem

31 Bolzinger, 2007, p. 33.
32 Ibid., p. 29–31.

demonstrou Barbara Cassin[33]. A nostalgia seria aquele sentimento que, em cada língua, remete a uma palavra dotada de uma aura de intraduzibilidade (*saudade, spleen, desengaño, mal du pays*, etc.) e que apela à sua inteligência singular (até mesmo em suas diferenças tipográficas). O afastamento que suscita a nostalgia é o da terra «natal», da pátria, mas também, sem dúvida, da chamada «língua materna». Essa diferença é compreensível, mas está também na forma dos termos que servem para nomear o mal.

Desde o início, a questão da "palavra" destinada a nomear a doença e, como observa Starobinski, provavelmente também a fazer existir, é central[34]. A indecidibilidade da nostalgia e suas flutuações semânticas de sentido também fazem parte de sua história e, provavelmente, também de sua sorte. Em sua tese, Hofer pondera diferentes palavras: *nostomania* (loucura do retorno), *filopatridomania* ("a loucura do amor pela pátria[35]"), mas acaba preferindo a nostalgia[36]. No entanto, já na segunda edição da tese de Hofer, em 1710, outro médico suíço, Theodor Zwinger, apropriou-se dela, apagou o nome de Hofer e fez duas adições que se tornaram muito populares: ele a descreve como uma doença que afeta especialmente os soldados suíços — ausentes da tese inicial de Hofer — e menciona o famoso "ranz des vaches" como um gatilho tipicamente suíço da nostalgia, cuja transcrição musical[37] aparece pela primeira vez nessa publicação. Mas, acima de tudo, a palavra nostalgia é substituída por um novo termo inventado: *pothopatridalgia* (que Cassin traduz como a «dor do desejo-paixão pela pátria»[38]). Se Zwinger se priva do "retorno" ao excluir o nostos, ele introduz, por outro lado, a ideia fecunda de uma paixão ardente pela pátria com a palavra pothos: Pothos, filho de Afrodite e de Cronos, irmão de Eros, é um dos três Érotas (os deuses alados) e encarna o desejo insaciável, a paixão ardente[39]. Assim, muito cedo, ao lado da dor (*algia*), surge o desejo.

Em 1745, Albert Haller voltou a publicar essa tese, recuperando o termo "nostalgia" e o nome de Hofer, mas no frontispício pode-se ler: *Dissertatio curioso Medica De Nostalgia vulgo: Heimwehe oder Heimsehnsucht*[40]. De repente, cinquenta anos depois, vemos ao lado de *Heimwehe* (como saudade da terra natal, da pátria) surgir esse estranho *Heimsehnsucht* (neologismo que teve vida curta), que introduzia o sehnsucht, afeto romântico por excelência, remetendo para essa impossibilidade do retorno ao lar, para um *longing* ou um *yearning* (já implícito no pothos de *Zwinger*) sem socorro possível,

33 Barbara Cassin, 2013, p. 20–23. Recorde-se também que um dos sintomas da nostalgia é o mutismo do doente, que, por outro lado, deseja apenas falar ou ouvir falar de sua pátria.
34 Starobinski, « L'invention d'une maladie », 2012, p. 265–267.
35 Cassin, 2013, p. 19
36 Hofer, 1688, par. II
37Uma das maneiras de pensar a nostalgia seria apreendê-la pelo prisma da remediação da oralidade em direção a formas escriturais. Com efeito, para sustentar sua tese, Johannes Hofer (e até mesmo Immanuel Kant) baseia-se essencialmente em relatos transmitidos oralmente ("diz-se que", "relata-se que", "um general me contou que"), posteriormente "traduzidos" para a linguagem erudita. Da mesma forma, passa-se de heimwehe (termo corrente) para nostalgia (termo originalmente erudito), do ranz des vaches, uma melodia alpina transmitida "oralmente" (e, portanto, necessariamente instável), para uma peça musical fixada em um sistema de notas, em um tratado erudito (introduzido por Theodor Zwinger, mas magnificamente teorizado por Jean-Jacques Rousseau em Dictionnaire de la musique, Paris, Veuve Duschesne, 1768, p. 398). Poder-se-ia formular a hipótese de que parte do "trabalho da nostalgia" consistiu em partir da linguagem erudita para remediar-se (ou reterritorializar-se) novamente em formas cada vez mais vernaculares e instáveis, ligadas a uma forma de oralidade, fora da linguagem erudita, que inevitavelmente encontra aí uma matéria interessante sobre a qual convém voltar a se debruçar (e assim sucessivamente).
38 Cassin, 2013, p. 19.
39 Sobre a fascinante figura de Pothos, recomenda-se a leitura de Barbara Breitenberger, Aphrodite and Eros: The Development of Greek Erotic Mythology, Nova York/Londres, Routledge Press, 2007, p. 153–160.
40 Johannes Hofer, Dissertatio curioso Medica De Nostalgia vulgo: Heimwehe oder Heimsehn- sucht, Basel, Jacob Bertschius, 1745.

para um mal do ser e do tempo, que é também uma *paixão-dor.* As vicissitudes editoriais da tese não deixam, assim, de testemunhar uma mudança progressiva de sentido em função da evolução das sensibilidades.

Isso fica evidente nesta passagem da *Antropologia* de Kant, de 1798, que, cento e vinte anos após a criação do termo, vem subverter os conceitos através dos quais devemos pensar a nostalgia. Ele escreve:

> Os suíços, assim como os vestfalianos e os pomeranos de certas regiões, segundo me contou um general experiente, são acometidos pelo mal da terra natal (*Heimweh*), sobretudo quando são transplantados para outras regiões; isso ocorre pelo retorno das imagens da despreocupação e da vida de boa vizinhança do tempo de sua juventude, efeito da nostalgia (*Sehnsucht*) pelos lugares onde conheceram as alegrias da existência. Quando retornam mais tarde para casa, ficam muito decepcionados (*getauscht*) em suas expectativas e acabam, assim, curados; sem dúvida pensam que tudo se transformou, mas, na verdade, o que acontece é que não puderam levar de volta consigo a própria juventude.[41]

O que Kant aponta aqui é que a saudade de um lugar não é, na verdade, nada mais do que uma saudade do tempo (da infância). Mas talvez, ao contrário do que Kant acreditava, o que cura não seja o fato de "sair de uma ilusão", mas precisamente o fato de poder reencontrar, nos lugares, o tempo da infância, mesmo que não se possa trazê-la de volta, fazê-la retornar. Basta voltar. Poderíamos, assim, sem dificuldade, sustentar que essa abertura da nostalgia, da doença mortal associada ao exílio geográfico, à melancolia tão humana diante do tempo perdido e reencontrado por meio de um jogo de sensações e imaginação, explica certamente sua migração e sua popularidade (fora dos meios intelectuais) e até mesmo sua conversão e reabilitação progressiva como um afeto positivo (inclusive nos meios intelectuais).

Como se pode ver, a nostalgia não é um sentimento que caiu do céu: ela remete a todo um processo de construção, envolve a materialidade da linguagem, desde a criação das palavras pelo estudioso até as chapas do tipógrafo, dos dispositivos de captura da memória à projeção dos sentimentos mais íntimos, do laboratório do pesquisador em psicologia até as dinâmicas das redes sociais. Será essa indecidibilidade e essa plasticidade, correlacionadas à construção discursiva e linguística da nostalgia, que fazem com que ela seja hoje entendida menos como o nome de uma doença e mais *como um remédio para a tristeza* ou a melancolia, da qual se cura ao *retornar, ao sentir nostalgia*? É essa a conclusão da equipe de pesquisadores ingleses: "Considerada ao longo dos séculos como um distúrbio psicológico, a nostalgia surge agora como uma força humana fundamental. Ela faz parte do tecido da vida cotidiana e desempenha várias funções psicológicas essenciais.[42]" Mas se a nostalgia faz parte do "tecido da

41 Immanuel Kant, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, trad. Michel Foucault, Paris, Vrin, 1964, p. 55. Segundo algumas traduções mais antigas, *Heimwehe será traduzido por "nostalgia" e Sehnsucht por "paixão"* (ver, sobretudo, a tradução de 1863). Mais uma vez, vê-se que a nostalgia implica muito frequentemente um problema revelador de tradução.
42 Tim Wildschut, Constantine Sedikides e Clay Routledge, « Nostalgia : from cowbells to the meaning of life », The Psychologist, n° 21, hiver 2008, p. 23.

nossa vida cotidiana", é também porque esta última está envolvida em malhas cada vez mais sutis de tecnologias e mídias que a moldam e a ativam, mas também invertem seu sentido e sua presença no campo do discurso. Alguns exemplos contemporâneos, para concluir, permitem ver como é possível reverter a melancolia ao brincar com a nostalgia.

Da doença à cura: a nostalgia pode nos salvar da melancolia?

Figuras 2, 3 e 4. Fotogramas do vídeo promocional do jogo Spleen, Pamplemousse Games, 2021. Cortesia da Pamplemousse Games.



Essa pergunta enigmática aparece no meio de um trailer promocional (ver figuras 2, 3 e 4) de um videogame RPG 2D com um título baudelairiano, Spleen (Pamplemousse, 2021)[43]. Neste RPG, inspirado no universo dos mangás japoneses, um avatar depressivo busca no mundo da infância a força que a fantasia e a esperança conferem para redar sentido à sua vida sombria e monótona. Ao retornar à infância (em seus sonhos, na memória), o personagem reencontra esse tempo do possível — um tempo em que "tudo é possível" — que lhe permite projetar-se para o futuro, redescobrindo um presente repentinamente liberado de sua casca petrificante. Se, na melancolia, o tempo (ou algo do tempo) não passa e torna o presente pesado demais para carregar, a nostalgia, considerada então não mais como um estado, mas como um apelo, um desejo, uma experiência (nostalgizar), permite um movimento (físico, imaginário), no tempo ou no espaço, animado pelo prazer de poder contradizer o princípio de sua irreversibilidade. O tempo recuperado é um tempo revertido.

Uma inversão semelhante da melancolia pela nostalgia surge na segunda parte do romance contemporâneo *Saturne* (2020), de Sarah Chiche[44], inteiramente dedicado ao relato da profunda depressão que paralisa a narradora e a priva de todo desejo (inclusive o de viver). Essa depressão é o sintoma de uma história familiar complexa (apresentada na primeira parte), de uma relação violenta com uma mãe internada em psiquiatria e da ausência de um pai de quem sempre lhe falaram, mas que ela nunca conheceu. Em um momento da trama, a família encontra bobinas de filmes Super 8 não reveladas que conseguem ser recuperadas e são projetadas para a narradora. Nelas, vê-se a pequena família — a mãe, o pai, a criança — unida e amada. Ela descreve assim:

> O filme em Super 8 fica coberto de riscos brancos, trava e depois volta a funcionar, fazendo com que eles retomem seu passeio a toda velocidade, como personagens de uma comédia burlesca. [...] As cores do filme saltam aos meus olhos. Solto um grito.
> Vejo finalmente o rosto daquele que a filmava [minha mãe]. Vejo o rosto do meu pai.
> O rosto dele ocupa toda a tela.
> Meu pai está vivo.
> Vejo meu pai vivo.
> Eu o vejo se mexer. Então, ele se mexeu um dia. Ele se mexia. Ele se mexe. Ele existia. Ele existiu. [...]
> Eu o vejo pegar nos braços um bebê com o rosto enrugado pelo sono. Ele acaricia a bochecha do bebê, o beija ternamente e depois sussurra algo que o filme, mudo, nunca revelará. A criança abre os olhos, desdobra o seu minúsculo punho cerrado, agarra o dedo do pai e fixa o olhar no dele. Todo o seu rosto se anima de alegria. Os cantos da boca se curvam para cima. Eu te amava, então, e tu também me amavas. [...]
> Eu me levanto. Sempre estive sozinha. Você nunca me abandonou. Durante todo esse tempo, sem você, nunca estive sozinha. Eu também era você. Eu era duas. Aproximo-me do meu pai. Coloco uma mão em seu rosto, assim como, do outro lado da tela, ele coloca uma mão sobre a minha. A terrível doçura de seu sorriso derrete em meus lábios. Meu riso se mistura com minhas lágrimas[45].

43 Spleen, Pamplemousse, 2021.
44 Sarah Chiche, Saturne, Paris, Seuil, 2020.
45 Chiche, 2020, p. 200.

Como se vê, na obra de Sarah Chiche, a nostalgia permite que o passado retorne, que se transforme em imagem e que desbloqueie o tempo (até mesmo no tempo dos verbos), que volta a circular (como os "espíritos animais" de Hofer). A nostalgia permite sair da melancolia e dar voz ao mal saturnino que corrói a narradora. O rolar do filme (é fácil imaginar um rolo de Super 8 Kodachrome, com suas "cores [que] saltam aos olhos[46]") permite reencontrar o lugar do passado, vivo, intacto, fazer o luto, ao mesmo tempo em que mantém a ferida deixada aberta pela perda, perto do coração.

Um último exemplo pode ser encontrado no final do episódio 13 da 1ª temporada de Mad Men (Matthew Weiner, 2007–2015)[47]. Trata-se de um momento clássico, frequentemente citado: Don Draper apresenta sua ideia para a campanha de lançamento do projetor de slides da Kodak (ver figura 5).

Figura 5. Fotograma da série Mad Men, 1ª temporada, episódio 13, "The Wheel", de Matthew Weiner, 2009.



Ao invés de apresentá-la como uma invenção do futuro, ele a transforma, pelo contrário, em um meio do passado, que nos permite reconectar-nos com o passado. Ele inicia sua apresentação com uma reflexão sobre a nostalgia e seu valor publicitário.

> Nostalgia — é delicada, mas poderosa. Teddy [meu antigo empregador] me disse que, em grego, nostalgia significa literalmente "a dor de uma ferida antiga". É uma pontada no coração muito mais forte do que a simples lembrança. Este aparelho não é uma nave espacial, é uma máquina do tempo. Ele vai para trás e para frente... nos leva a um lugar para onde ansiamos voltar. Não se chama roda, chama-se carrossel. Permite-nos viajar como uma criança viaja, dando voltas e mais voltas, e voltando para casa, para um lugar onde sabemos que somos amados. [48]

Durante seu discurso, Draper exibe, em uma sequência de fotos, sua família que, como sabemos, está à beira do colapso (quando ele voltar para casa esta noite, sua

46 Ibid.
47 *Mad Men*, 2009–2014, de Matthew Weiner e Robin Veith, temporada 1, episódio 13, « The Wheel », exibido em 18 de outubro de 2007, Estados Unidos, AMC.
48 Ibid.

// ISSN: 2237-9967 // DOI: https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2026v15e39425

esposa já terá ido embora com os filhos). A nostalgia é talvez, aqui, para Draper, um remédio que lhe permite nomear essa ferida dolorosa que o habita (ligada também à sua infância, que ele não deixará de, ao longo da série, não querer ver voltar). Mas ele também descreve a fortuna e o potencial "comercial" da nostalgia: não é mais a novidade que vende, é a promessa do passado. Matthew Weiner, criador da série, nos mostra aqui, com uma força impressionante, a virada nostálgica que a publicidade tomaria a partir da década de 1960 e toda a indústria cultural que se desenvolveria a partir daí nas décadas de 1970 e 1980. É preciso lembrar que *Mad Men*[49] foi (assim como *Stranger Things*[50] (2016–), que a sucede no tempo e no espírito) um poderoso catalisador da nostalgia hipster, com consequências econômicas inegáveis: desde o renascimento do interesse por coquetéis vintage e máquinas de escrever, até os discos de vinil e a ressurreição do Super 8[51].

De remédio para a melancolia à estratégia de marketing (cuja eficácia sobre o público sentimental dessa cena é inegável), todo o espectro da nostalgia contemporânea está presente. O que é interessante, inevitavelmente, em todos esses casos, é a dimensão propriamente *intermedial* inscrita nessas três *cenas*. Um videogame que se inspira na história em quadrinhos e no mangá; um romance que descreve o surgimento do passado retornando em super 8; uma série de TV sobre o mundo da publicidade que testemunha o nascimento de um novo meio, o carrossel de slides, e de uma nova retórica publicitária. Pensar essas cenas de forma intermedial é estar atento às interações entre a materialidade dos suportes e os afetos que ela suscita, as feridas que ela reaviva, transporta ou cura.

É também a isso que, em cada um dos textos desta edição da revista *Intermédialités*, os autores e autoras procuraram estar atentos, voltando-se (para) à nostalgia.

Nota biográfica

André Habib é professor titular do Departamento de História da Arte e Estudos Cinematográficos da Universidade de Montreal. É diretor adjunto do CRIalt desde 2020. É autor de *La main gauche de Jean-Pierre Léaud* (Boréal, 2015), bem como de *L'attrait de la ruine* (Yellow Now, 2011). Ele coeditou as obras coletivas *L'avenir de la mémoire: patrimoine, restauration, réemploi cinématographique* (com Michel Marie, Septentrion, 2012) e *Le cinéma dans l'œil du collectionneur* (com Louis Pelletier e Jean-Pierre Sirois Trahan, 2023). Desde 2002, é coeditor da revista eletrônica *Hors champ* e é o idealizador da plataforma de criação e reflexão audiovisual Zoom Out. Suas pesquisas abordaram a estética das ruínas, a cinefilia, os arquivos e o cinema experimental. Suas pesquisas mais recentes trataram da nostalgia, da melancolia, do retrô e das tecnologias obsoletas.

49 *Mad Men*, de Matthew Weiner, 7 temporadas, AMC, Estados Unidos, 2007–2015.
50 *Stranger Things*, de Matt Duffer e Ross Duffer, 4 temporadas, Netflix, Estados Unidos, 2016–.
51 Sobre *Mad Men,* recomenda-se, entre outros, a leitura de Gary R. Edgerton (org.), *Mad Men: Dream Come True TV*, Bloomsbury, col. « I.B. Tauris », 2010.

Referências

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia.** New York: Basic Books, 2001.

CHICHE, Sarah. **Saturne.** Paris: Éditions du Seuil, 2020.

HALLER, Albert. **Dissertatio curioso Medica De Nostalgia vulgo:** Heimwehe oder Heimsehnsucht. [S.l.: s.n.], 1745.

HOFER, Johannes. **Dissertatio medica de nostalgia, oder Heimwehe.** Basileia: Jacob Bertschius, 1688.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático.** Tradução de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

LUCAS, George (dir.). **American Graffiti.** Estados Unidos: Universal Pictures, 1973. Filme.

PAMPLEMOUSSE GAMES. **Spleen.** [S.l.]: Pamplemousse Games, 2021. Videogame.

TORNATORE, Giuseppe (dir.). **Cinema Paradiso.** Itália: Cristaldi Film, 1988. Filme.

WEINER, Matthew (criação). **Mad Men.** Estados Unidos: AMC, 2007–2015. Série televisiva.

WEINER, Matthew (criação). "The Wheel". In: **Mad Men.** Temporada 1, episódio 13. Estados Unidos: AMC, 2009.

Recebido em: 16 out. 2026
Aprovado em: 17 out. 2026